

## **Manifesto do Partido Verde**

O Partido Verde (PV) se forma para lutar pela liberdade, paz e ecologia, pelos direitos civis, pela autonomia, autogestão e formas alternativas de vida. Surge de uma reflexão sobre questões que dizem respeito à vida de todos nós. Nunca na sua história a humanidade esteve tão ameaçada: os riscos de guerra nuclear, a corrida armamentista, a devastação cada vez maior da natureza, os repetidos desastres ecológicos, a fome, o desperdício, as desigualdades sociais e a violência crescente nos grandes centros urbanos. Tudo isso configura uma verdadeira crise de civilização e faz com que cada cidadão consciente se preocupe com o futuro.

O Partido Verde se define como um movimento de cidadãos e não de políticos profissionais ou homens de aparelho. Considera que o povo brasileiro está descontente com a chamada "classe política" e almeja um tipo de representação e ação mais eficiente, desinteressada e moderna. O povo brasileiro está cansado de uma elite fisiológica que vê na política não uma forma de representação das aspirações dos cidadãos, mas uma carreira profissional, um caminho de enriquecimento e poder individual.

O Partido Verde não pretende o monopólio da causa ecológica, nem de nenhuma das outras bandeiras que defende, pois sabe que em torno de cada uma delas encontrará aliados noutros partidos e na sociedade em geral. Considera, no entanto, que a sua formação e atuação independente será uma contribuição importante nessa luta.

O Partido Verde pretende ser um canal de expressão das novas idéias que surgiram nos últimos anos na sociedade brasileira. Ele pretende contribuir para a afirmação de um grande movimento ecológico, pacifista e alternativo capaz de influenciar os destinos da nação brasileira nesse limiar do século XXI. Participar do debate e da solução dos problemas crônicos que há séculos afligem a nossa sociedade e também dos novos problemas que começam a se colocar e que irão, fatalmente, provocar profundas mudanças, como é o caso da informática e da robótica. Dependendo de como essas questões sejam encaminhadas, elas poderão trazer mais liberdade e autonomia ou mais repressão, alienação e desemprego no futuro dos brasileiros.

O Partido Verde no Brasil tem ainda outras responsabilidades. Também é parte integrante de um bloco social e político que trava a luta mais ampla contra a opressão, a desigualdade, a fome, a miséria, a prepotência das elites, a corrupção, o atraso cultural e os resquícios do autoritarismo. Estará engajado, junto com todas as outras forças políticas e sociais do bloco popular, na luta pela reforma agrária, pela mudança da legislação sindical, por melhores condições de vida e de trabalho e pela consolidação e exercício pleno das liberdades democráticas e dos direitos humanos no Brasil. Pela solidariedade

cluírem, *a priori*, a hipótese da moratória, nossos governantes já se colocam, ano após ano, numa situação de inferioridade dentro da barganha.

Na verdade, a moratória total se coloca como um tacape a ser brandido, recurso extremo, dentro de uma queda de braço planetária. A melhor solução para a dívida externa é algo parecido com o que empreende, corajosamente, o governo Alain Garcia, no Peru: vinculando seu pagamento a uma porcentagem das exportações, 10%. No caso brasileiro, trocando em miúdos, isso significaria pagar pouco mais de dois bilhões de dólares, em vez dos nove bilhões que se pagam por ano.

O consenso "realista" do *establishment* político e econômico do país considera o confronto com os bancos uma catástrofe líquida e certa, nas palavras de Sarney, "uma guerra das Malvinas". Sem subestimar os possíveis efeitos recessivos e os prejuízos da perda de créditos internacionais, acreditamos que, até agora, esse cenário não foi estudado, sequer superficialmente, pelos que acham que governar é eternamente

empurrar os problemas com a barreira. Não há uma elaboração estratégica, com planos de contingência e cenários diferentes para a hipótese de um confronto com o sistema financeiro. Também foi desperdiçada uma boa oportunidade econômica de fazê-lo no período de euforia do Cruzado I, quando havia bom saldo de divisas. Atualmente, se esboça um momento politicamente favorável, com a crise da administração Reagan, enfraquecida para adotar fortes retaliações. Por outro lado, é evidente que uma ação, concertada e em bloco, de vários grandes países devedores, simultaneamente, colocaria o sistema financeiro numa situação de pensar dez vezes antes de partir para represálias realmente drásticas.

Sem um enfrentamento corajoso da questão da dívida externa a economia brasileira seguirá sendo essa nau dos insensatos, navegada entre rochedos de estagflação e naves piratas, conduzida por um timoneiro míope e assustado que, por não querer correr nenhum risco, acaba correndo todos.